

VAL EMMICH

WORKER 1964
BEATLES



UMA CANÇÃO NUNCA SE ESQUECE

UMA RAPARIGA COM MEMÓRIA PERFEITA
E UM HOMEM QUE PRECISA DA SUA AJUDA.



«A transbordar de coração e alma. Têm mesmo de ler isto!»

Garth Stein



TOP
SEL
LER



Para Jill, aquela para mim

*É preciso força para recordar, é preciso outro tipo de força
para esquecer, é preciso um herói para fazer ambos.*

— James Baldwin

*Dar-vos-ia tudo o que tenho em troca de alguma
paz de espírito.*

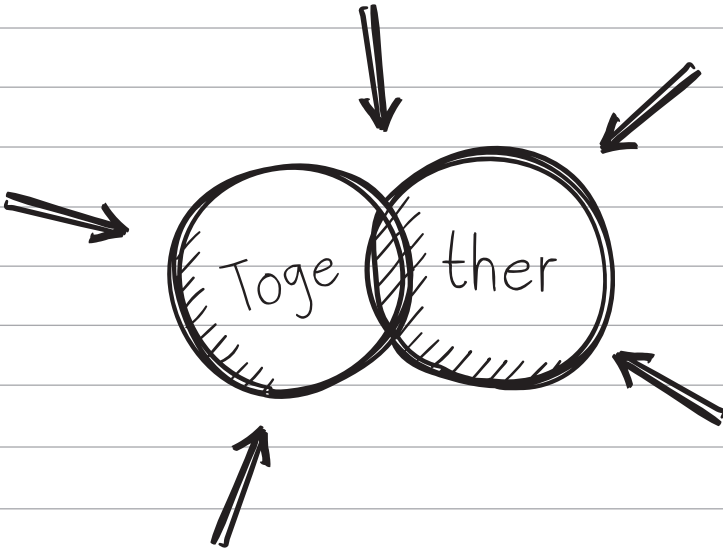
— John Lennon

Mais Recordados da História
(# de anos recordados)

- Jesus (1980)
- Joana d'Arc (582)
- John F. Kennedy (50)
- John Lennon (33)

* Começam todos com a letra J!

Come Together



1

O MEU PAI ESQUECEU-SE de mim.

Estou à espera, com a minha guitarra, nos degraus duros, e tenho uma formiga junto ao pé. Não passa de uma coisinha pequenina, mas eu preferia ser como ela, uma coisinha pequenina em que ninguém repara, do que uma rapariga a sério que todos veem, mas que não vale a pena recordar.

A professora Caroline está à espera comigo. O homem, no carro, está pronto para a levar para casa, mas ela não pode partir enquanto eu não for.

— Vou tentar o teu pai, outra vez.

Basta-lhe carregar num botão do telefone, porque já telefonou ao meu pai e já lhe deixou uma mensagem. Depois de um minuto de sossego, afasta o telefone do ouvido e torna a voz ainda mais doce.

— Não te preocupes, Joan. Tenho a certeza de que chegará não tarda.

Está a ser muito simpática, o que só me envergonha mais. A única coisa boa em tudo isto é o facto de hoje ser a minha última aula de Jovens Talentos e, a partir do momento em que o meu pai me vier buscar, não voltarei a ter de olhar para a professora Caroline.

— Que horas são? — perguntei.

— Quase cinco — diz a professora Caroline.

A aula terminou às 16h30. Eu e o meu pai estamos, normalmente, no carro por volta das 16h40.

— Desculpe.

— Esquece isso, Joan.

Mas não posso esquecer. O problema é esse. Não consigo esquecer nada.

Não é apenas uma questão de o meu pai não me ter vindo buscar hoje. É o facto de eu e o meu pai termos visto um pássaro vermelho numa árvore em 2011 e depois eu lhe ter perguntado se ele se lembrava do outro pássaro vermelho que víamos dois anos antes, numa quarta-feira, dia 29 de abril de 2009. Ele tem de pensar durante um bocado e depois diz: «Sim», mas, pela maneira como o diz, eu sei que ele não se lembra, de todo, do outro pássaro vermelho e não me sinto tão próxima dele quanto queria.

E é o facto de a minha mãe dizer «Nunca falha», e eu fazer uma contagem rápida de todas as vezes em que ela disse «Nunca falha» nos últimos seis meses (27). Depois, peço à minha mãe para adivinhar o número de vezes e dou-lhe uma pista e digo-lhe que o número é menor que 50 mas maior do que 10, mas, em vez de entrar no jogo, a minha mãe diz: «O que queres de mim, Joan?» e vira-me as costas.

E é o facto de as pessoas contarem histórias acerca de coisas que nos aconteceram a todos e depois fazerem caretas quando refiro que transmitiram mal certa parte da história. Depois, o meu pai tem de me explicar que, para a maioria das pessoas, as memórias são como contos de fadas, o que significa que são mais simples e mais divertidas e mais felizes e mais entusiasmantes do que o foram na vida real. Não compreendo como as pessoas podem fingir que algo aconteceu de maneira diferente do que aconteceu realmente, mas o meu pai diz que elas nem sequer se apercebem de que estão a fingir.

A professora Caroline desce os degraus para falar com o homem no carro. Eles falam baixinho e depois o homem desliga o motor, o que é bom para o ambiente, e encosta o banco todo para trás como faz o avô quando são horas da sesta.

A professora Caroline sobe os degraus e pergunta:

— O que estás a desenhar?

Fecho o meu diário.

— Nada.

Não me importo que o meu futuro marido mostre a toda a gente os meus desenhos, depois de eu morrer, como a Yoko fez com o John, mas para já os meus desenhos são privados.

John Lennon é o músico preferido do meu pai e também o meu. O meu pai queria que o meu primeiro nome fosse Lennon, mas a minha mãe vetou a decisão, algo que uma esposa pode fazer, diz a minha mãe. Por isso, o meu pai pôs Lennon no meio e isso faz de mim Joan Lennon Sully. O meio é um bom lugar para os nomes importantes. O nome do meio do John Lennon era Winston, em memória de Winston Churchill, que é uma pessoa de quem todos se lembram.

As pessoas têm todo o tipo de desculpas para não se lembrarem. Atribuem as culpas à morte das baterias; ou à fraca audição; ou a estarem demasiado ocupadas, serem demasiado velhas ou andarem demasiado cansadas. Mas, na realidade, não têm espaço que chegue nas suas caixas.

Quando fiz cinco anos, a minha mãe comprou-me uma caixa para eu guardar toda a minha arte. Estava farta de que eu deixasse os meus desenhos e projetos espalhados pela casa. Disse-me que escolhesse as peças mais importantes, porque não havia espaço suficiente dentro da caixa para guardar tudo. É assim que funcionam os cérebros das pessoas. Só há espaço para as memórias mais importantes e o resto é deitado fora. Quando eu sou a coisa que é deitada fora por não ser suficientemente importante, é difícil não ficar deprimida como o John Lennon, em *The White Album*, quando canta *I' lonely and I wanna die*¹. Em especial porque jamais deitaria outra pessoa fora, porque o meu cérebro nunca fica sem espaço. Quero apenas que haja justiça.

Quem me dera poder ser sempre importante e nunca esquecida, como John Lennon e Winston Churchill, mas sei que não posso. Aprendi há alguns anos que não estou em segurança na caixa de ninguém, nem mesmo na da minha avó.

Sábado, 13 de fevereiro de 2010: o lar novo da avó.

— Avó, sou eu, a Joan.

Ela parece confusa.

— Eu sou a Joan.

— Eu sei, avó. Eu também sou a Joan. Deram-me o nome a pensar em ti.

¹ Sinto-me sozinho e quero morrer. [N. do T.]

O pai chama-me à parte.

— Ela está cansada, mais nada, querida.

— Ela não se lembra de mim.

— Sim, lembra. Claro que lembra. Está apenas...

— Avó. Sou eu.

Ela tenta. Ela tenta a sério. Mas eu não estou lá.

A avó Joan teve de me deitar fora da caixa que é o seu cérebro para ganhar espaço suficiente para as letras de todas as suas canções preferidas. Lembrou-se delas até ao dia em que morreu (sábado, 8 de outubro de 2011).

Tenho tentado ajudar as pessoas a recordarem, deixando-lhes bilhetes e dando-lhes dicas. Até prestei atenção às notícias quando disseram que as amoras tornavam os cérebros mais fortes e pedi à minha mãe para comprar uma caixa enorme e obriguei a minha família a comê-las todas, mas não passou de uma perda de tempo. Se a avó Joan foi capaz de me esquecer, isso significa que qualquer pessoa pode. Até o meu pai.

— Que horas são agora? — pergunto, dedilhando a minha guitarra.

— Passam cinco minutos das 17 horas.

Um carro aproxima-se rapidamente, mas segue caminho. Toco um acorde menor, porque não me sinto com vontade de tocar um som feliz.

A professora ergue os olhos para as nuvens no céu soalheiro e diz:

— Já há tanto tempo que não chove.

— Na verdade, choveu no dia 20 de junho, que foi uma quinta-feira, e isso foi há menos de três semanas.

— É verdade?

— Sim, é.

Ela parece impressionada.

— Sempre tiveste essa memória extraordinária?

— Não — digo. — Fiquei assim quando caí de cabeça no Home Depot.

A professora Caroline ri-se, mas eu estou a dizer a verdade. O meu amigo Wyatt sabe tudo acerca de livros de banda desenhada e de Internet e disse-me que essa queda de cabeça no Home Depot foi o que me conferiu a minha memória autobiográfica superior e *voltar* a cair de cabeça

no Home Depot far-me-ia perdê-la. Foi por isso que nunca mais voltei àquela loja passados todos estes anos.

Eu tinha apenas dois anos quando aconteceu (tenho dez agora). O meu pai deixou-me de pé na parte de trás de um daqueles carrinhos de compras cor de laranja, não estava a olhar para mim e eu inclinei-me e caí. A minha cabeça bateu contra o betão e o meu pai gritou, não como grita com os outros condutores, mas como grita quando não usa uma luva de forno e a mão toca o topo da torradeira. Ele ergueu-me do betão e correu comigo loja fora.

Mas não conto nada disto a professora Caroline, porque ela está demasiado ocupada a olhar para a sua pasta. O dedo desliza pela página até onde diz *contacto de emergência*.

— Quem é o Jack Sully? — pergunta.

— O meu avô.

Ela espeta os lábios como se estivesse a ser obrigada a beijar um homem feio.

— Posso ir a pé para casa — digo. — Não vivo muito longe.

— Não posso deixar que faças isso, Joan.

Ela telefona ao meu avô e deixa uma mensagem. Já telefonou à minha mãe.

— Isto já te tinha acontecido alguma vez, não seres capaz de entrar em contacto com ninguém? — pergunta a professora Caroline.

— Não — digo e é verdade. Por vezes, as pessoas não acreditam que eu possa percorrer tão rapidamente as minhas memórias, mas não se trata de encontrar a única caneta que funciona na gaveta de tralha da minha mãe. É mais como acender uma luz, e o botão está sempre mesmo debaixo do meu dedo.

— Eis o que vamos fazer — diz a professora Caroline. — Às 17h20, vamos telefonar uma vez mais para todos. Se continuarmos a não conseguir entrar em contacto com eles, veremos se conseguimos alguma ajuda.

— Que tipo de ajuda?

— Talvez alguém possa passar por tua casa.

— Quem? O seu amigo?

— Não — diz a professora Caroline. — Mas não vamos pôr a carroça à frente dos bois.

Pergunto-me do que estará ela a falar e por que razão quererá manter a pessoa em segredo, depois penso nas palavras *emergência* e *ajuda* e percebo para quem é que a professora Caroline quer ligar. Mantenho os olhos fixos na estrada porque temo que, se olhar para a professora Caroline, possa derramar uma lágrima acidentalmente.

Ouçõ um ronco como um trovão e ergo os olhos para o céu, mas o sol ainda brilha. O ronco torna-se mais audível e mais próximo e provém de um motor. O motor está dentro de uma carrinha branca, grande, que surge ao cimo da rua. Buzina e para mesmo à minha frente. *Sully & Sons* está escrito na lateral e eu estou a contar que o avô saia do carro, mas é o meu pai. Ele diz-nos que teve um acidente na autoestrada e que o telefone morreu.

— Lamento muito — diz o meu pai. — Muito obrigado por ter ficado com ela.

— Não há problema nenhum — diz a professora Caroline, mas isso não é, de todo, verdade. Além disso, o que estaria o pai a fazer na autoestrada? Era suposto estar em casa, a trabalhar no seu estúdio.

O meu pai ajuda-me a subir para o lugar do passageiro e põe-me o cinto. Não há bancos na parte de trás da carrinha, razão pela qual o meu pai me deixa ir à frente. Faz-me pensar em quando me sentei no banco da frente da antiga carrinha do meu pai, há quatros verões, e o vi enchê-la com o seu equipamento de baterista. Perguntei-lhe se podia ir com ele para Boston e ele disse: «Talvez quando fores mais velha.» Já sou mais velha, mas ele vendeu a carrinha no ano passado e já não toca em espetáculos.

— Por que é que estás a conduzir a carrinha do avô?

— Hoje estive a ajudá-lo. — A maneira como o meu pai diz aquilo faz-me pensar que não está certo quanto às palavras que quer usar. Os compositores como eu e o meu pai temos muito cuidado com as nossas palavras.

A parte de trás da carrinha está cheia de ferramentas, o que me faz pensar no Home Depot, o que me faz pensar na única maneira como posso perder o meu dom, ou condição, ou doença, ou o que lhe queiram chamar. Se não consigo que as outras pessoas se lembrem melhor, talvez me consiga obrigar a lembrar pior.

— Não quero ir para casa — digo.

— Está bem — diz o meu pai, tentando parecer alegre. — Onde gostarias de ir?

Talvez tenha chegado a hora de regressar ao Home Depot. Podia trepar a um lugar alto e mergulhar de modo a que a minha cabeça embatesse no betão. Ia doer muito, mas só durante um bocado. Depois, ficaria finalmente a saber o que as pessoas querem dizer quando dizem *não me lembro* e teria sempre uma desculpa para explicar o porquê de não ter feito algo que ia fazer, como ir buscar a minha filha a horas à aula de Jovens Talentos.

Mas não quero ir ao Home Depot. Só me quero sentir melhor. Talvez eu ficasse bem se me esquecesse apenas das pequenas coisas, como quando as pessoas se esquecem do meu meio-aniversário ou não se lembram de pôr protetor solar na parte de cima das minhas orelhas ou se esquecem de que o que menos gosto de ouvir é «esquece isso». Mas dói demasiado quando aquilo de que as pessoas não param de se esquecer sou eu.

Estamos parados num vermelho e o meu pai está a tentar chamar a minha atenção, acenando com a mão à frente do meu rosto. Em vez de olhar para ele, agarro no jornal que está caído no chão da carrinha e finjo que o estou a ler.

— Guardei-o por tua causa — diz o meu pai.

O jornal está dobrado de maneira a mostrar uma determinada página.

— Qual é o meu nome, pai?

— De que estás tu a falar?

— O meu nome. Qual é?

Ele responde muito lentamente.

— O teu nome é Joan.

— Claro, dizes isso hoje. Mas quem sabe como será amanhã.

O meu pai expira como se estivesse mesmo cansado.

— Joan, desculpa ter chegado atrasado. Não sei que mais queres que te diga.

Olho para o colo e vejo algo no jornal que o meu pai guardou por minha causa. Há montanhas de pequenas caixas na página e dentro de uma das caixas estão seis palavras em letras garrafais:

CONCURSO PARA O PRÓXIMO GRANDE COMPOSITOR

Leio toda a informação na caixa e começo a formar uma ideia novinha em folha.

— Diz-me onde vamos, Joan. Preciso de uma resposta.

A avó esqueceu-se de muitas coisas no final, incluindo de mim, mas não da música. Tal como o meu pai se esquece, por vezes, de comprar leite de amêndoa, na loja, mesmo que esteja na lista de compras, mas trauteia sempre cada nota do solo de guitarra da *Beat It* do Michael Jackson, mesmo que não ouça a canção há anos. O melhor da música é que está sempre a tocar. Quando o meu pai se esquece de alguém como o Michael Jackson durante algum tempo, basta ouvir uma das suas canções e, de repente, lembra-se do quanto gosta dele. Isso acontece porque as canções são como lembretes.

— Não posso conduzir em círculos, Joan.

— Vamos para casa, pai.

— Pensei que não querias ir.

— Mudei de ideias.

O meu pai balbucia qualquer coisa, à medida que roda o volante e a grande carrinha branca roda com ele. A minha cabeça também anda às voltas, como o rotor de um helicóptero, e vou-me erguendo sobre todos os sentimentos maus, porque talvez tenha acabado de encontrar uma maneira de me assegurar de que o meu pai, a minha mãe, o meu avô, a professora Caroline e todos os outros nunca se esqueçam de mim.

2

EXISTE ESTA IDEIA do membro fantasma. Um homem que perdeu o seu braço continuará a sentir o braço e a comportar-se como se este estivesse intacto. O que eu tenho, então, é um amor fantasma.

Vivemos juntos durante quatro anos. Dois anos no apartamento do Sydney em West Hollywood e dois anos aqui, na nossa casa em Los Feliz. Ele morreu há um mês e, desde então, tenho vivido sozinho. Mas não me sinto sozinho. Para onde quer que me vire há lembretes, uns tridimensionais, outros invisíveis, todos eles falando e ocupando espaço.

Por exemplo, esta cadeira onde me encontro agora tem muito a dizer. Descobrimo-la em Rose Bowl. Trata-se de uma antiguidade inglesa, do século XIX, com patas de leão e um desenho floral. O Syd tinha olho para este tipo de coisas, conseguia encontrar o prémio no meio da tralha.

Lembro-me de quando a trouxemos para casa. Ainda hoje me consigo ouvir a resmungar acerca do quão desconfortável era a cadeira. Ouço o Sydney a rir, explicando que não é suposto ser confortável. *É uma peça visual*, diz-me ele. *Por favor, Mr. Winters, se tiver de se sentar, sente-se no sofá.* E, no entanto, ele sentava-se na cadeira. Adorava a sua cadeira.

Mas não posso dizer que adoro a cadeira, já não. Não quando a voz que ouço não é sequer a do Sydney, mas uma aproximação, distante e abafada, da maneira como ele soava.

Levanto-me e arrasto a cadeira pesada pela casa, pela cozinha e até ao pátio das traseiras. Pouso a cadeira de lado, levanto a bota por cima

da perna de cima e piso-a com força. O membro partido pende das fibras roídas, a amputação incompleta até eu o ter torcido uma dúzia de vezes e o ter arrancado. Solto as outras três pernas da mesma maneira.

Destapo a braseira e formo a armação de uma tenda ameríndia com as pernas. O isqueiro enferrujado perto do grelhador ainda tem líquido, mas a sua chama azul não se fixa aos troncos antigos. Podia desistir. Ou então ir buscar algumas acendalhas.

Na caixa de palha por baixo da nossa cama, encontro bilhetes, fotografias, envelopes. Éramos mesmo uns tolos sentimentais, nós os dois. Guardávamos tudo: os rudes retratos que desenhamos um do outro, enquanto estávamos sob o efeito do *ecstasy*; o atacador que eu usei, como se fosse uma fita para o cabelo, na nossa primeira caminhada por Griffith Park (eu tinha o cabelo comprido quando começámos a namorar); o avião de papel que fiz, com «Swissair» escrito numa asa e «Leva-me Contigo» na outra; e, de um dos nossos jantares maratona no desfileiro, uma caixa de fósforos.

Enquanto ali estou, desmancho a cama. O seu cheiro ainda persiste, real ou fantasma, não sei. Atiro os lençóis para cima da caixa de memórias e levo tudo aquilo através das curvas da nossa moradia.

Deito tudo para o fosso e volto a empunhar o isqueiro. Ouve-se crepitar à medida que as chamas pegam e se espalham. Vejo a massa de calor aquecer e crescer, sentindo-me realizado.

São precisas muitas viagens, mas livro a casa de todos os lembretes:
O tapete onde encontrei o seu corpo.

O seu telefone.

A pintura de uma floresta por um artista que ninguém conhece.

Cortinados de linho, escolhidos pelo Syd, pendurados por mim.

Colunas *wireless* de um dos seus clientes.

Guias *new age* para o sucesso e o conhecimento.

Exemplares de *Food & Wine*, *Forbes*, *Esquire* que tinham sido cuidadosamente empilhados numa mesinha de centro dinamarquesa moderna.

Mesinha de centro dinamarquesa moderna.

Auscultadores, meus, mas que partilhámos certa vez no cinema, antes de começarem as apresentações; cada um de nós ficou com uma orelha e gozámos de uns minutos de Passion Pit em estéreo.

Fotografias emolduradas, os portáteis de ambos, roupas, a caneca preferida dele, bastões de esqui, bolas de pingue-pongue, livros acerca de paternidade não utilizados, cartas, postais, cartões de aniversário, cartões de visita, cartões de condolência, cartões que gritavam «é Natal, olhem para os nossos filhos».

Todos estes artigos estão espalhados na relva demasiado comprida, à espera da sua vez no fogo. Não haverá espaço enquanto a pilha não derreter. De momento não está a acontecer nada de especial.

Pego na raquete de ténis do Sydney e pico a pilha. Espeto-a e movo-a, fragmentando a pilha, deixando que o ar invada os espaços. Algo crepita e o entulho incendeia-se finalmente.

Até isto, olhar para o fogo, é uma memória. Estávamos aqui, com os nossos *cocktails*, os pés pousados no baixo muro de tijolo. Tínhamos acabado de comprar a casa e desta nova sensação de independência nasceu uma lista de planos: mais viagens, anéis, até conversas de um bebé.

Uma centelha salta do fosso para a batinha das minhas calças. Foi o Syd quem mas comprou numa das nossas últimas corridas às compras. Desaperto as botas, deslizo as calças de sarja, e lanço-as pelo céu ocidental. Aterram no topo do monte, como uma bandeira caída.

Na cozinha, preparo um *cocktail* para mim. Gin, Campari vermute tinto doce: um Negroni, a bebida do momento para o Syd. O frigorífico está vazio, por isso passo sem a rodela de laranja. Levando a mão ao congelador em busca de gelo, reparo na pulseira que trago no pulso. É uma coisinha feia, feita de cabedal barato. Comprámos duas — uma para cada um de nós — durante umas férias no México. Só esta permanece.

Levo a mão ao fecho metálico, começo a desfazer o círculo, mas paro. De nariz encostado ao cabedal, olhos fechados, inalo, e lá está ele, o passado, desperto. Uma imagem de nós no México, o bronzeado *gringo* do Sydney. Não é tanto uma visualização como um passar pela experiência pela segunda vez, a sensação dela, só por alguns segundos. Mas é o suficiente. Decido poupar a pulseira, para já.

Passo por água um garfo sujo e mergulho-o na mistura vermelho cereja. Enquanto mexo, vejo-o pela janela das traseiras, aquilo que fiz. É glorioso e completamente descontrolado. A iluminar a noite, uma fúria zigzagueante a cuspir um perigo laranja para todo o lado.

Corro para o exterior, a rir. Talvez de terror, ou elação, ou loucura, ou todos os anteriores. Mas estou a rir. Ergo o copo em frente às chamas.

— Adeus — digo.

— Amo-te — digo.

E depois:

— Desculpa.

À minha volta, a noite zumba. Vozes por entre a vedação, uma figura na janela do vizinho. O vento sopra quente contra o meu pescoço. Viro as costas ao fogo, que agora jorra do fosso e sobe pelo poste que suporta o avançado do alpendre. Afasto-me, bebo o que resta da minha bebida e vejo todas as nossas memórias erguerem-se em colunas de fumo e desaparecerem na noite.

3

O PRAZO PARA O CONCURSO para o Próximo Grande Compositor está a duas semanas de distância e é perfeito, porque a escola acabou e agora posso passar todo o meu tempo a compor. A canção vencedora irá passar num *site* muito popular visitado por pessoas de todo o mundo. É o que diz o anúncio no jornal.

Para ganhar o concurso, vou precisar de uma canção que consiga levar as pessoas a quererem dançar ou chorar. Essas são as duas sensações mais fortes que a música pode gerar. Quando as pessoas dançam esquecem-se, e quando choram lembram-se. Não sei qual das duas é melhor para receber os votos, dançar ou chorar, esquecer ou lembrar, por isso vou começar com a canção para dançar.

Agora estou no estúdio do meu pai, a agitar a minha palheta sobre a corda Sol, como se estivesse a abanar um pacote de sumo. Estou a usar uma palheta especial que tem o meu nome gravado e que foi uma prenda do amigo da minha mãe, o Sydney (domingo, 9 de setembro de 2012).

Toco no ombro do meu pai e ele desliza os auscultadores de uma orelha.

— O que te parece isto? — pergunto, tocando a minha ideia para a canção para dançar.

Ele não parece muito entusiasmado.

— Tenho a certeza quase absoluta de que isso é a *I Want You to Want Me*, dos Cheap Trick.

A canção a concurso tem de ser um *original*, o que significa que não posso enviar-lhes algo que já tenha sido escrito por outra pessoa. Não compreendo como é possível que o meu pai consiga lembrar-se do nome de todos os artistas que alguma vez existiram e que canções cantaram, mas não seja capaz de recordar que *password* usa para cada *site*.

O meu pai faz música para anúncios e programas de televisão e filmes, provavelmente um dos melhores empregos que alguém já teve, em especial porque o pode fazer em casa. Vivemos num edifício feito para duas famílias, mas, em vez de lá viverem duas famílias, a nossa família fica na metade de cima e o pai tem o seu estúdio de gravação na metade de baixo.

O estúdio do meu pai está repleto de tralha, mas não de uma maneira que nos deixe loucos; de uma maneira que nos deixa entusiasmados. Para onde quer que nos viremos, há algo para ver (cartazes, livros, recordações) e para perguntar («O que significa CBGB OMFUG?»). Está cheio de instrumentos de formas estranhas, como um *stylophone*, que é um sintetizador minúsculo que se toca com uma caneta, e um tere-mim, que emite sons fantasmagóricos quando passamos as mãos por cima dele. O estúdio do meu pai é uma fábrica onde são feitas canções; e também um museu, cheio de objetos estranhos; e também um esconderijo secreto onde ninguém nos incomoda; e também um espaço onde podemos sonhar acerca do que pode acontecer na nossa vida quando crescermos.

Eu prefiro estar aqui do que lá em cima, em nossa casa, não só porque a mobília é mais recente e o sofá mais confortável, mas porque posso estar com o meu pai. Ele ensina-me acerca da música antiga e deixa-me tocar bateria e confia em mim para lhe voltar a atestar a caneca do café.

Além disso, deixa-me tocar as suas guitarras. O meu pai tem ali uma dúzia de guitarras, mas aquela que estou a tocar neste momento é a minha preferida. Trata-se da *Gibson J-160E*, a mesma que John Lennon gostava de usar.



Todos se lembram do John Lennon porque as suas canções tocam nos supermercados e nos elevadores e nos estádios e também nos anúncios e nos filmes e na rádio e por toda a Internet. Ele é lembrado em Inglaterra e nas duas Américas, e o meu pai diz que até no Japão ele é enorme. O meu pai tem a música dele em MP3 e CD e vinil e cassette. Tudo o que tenho de fazer é escrever uma canção, apenas uma, que seja tão boa como as que escrevia o John Lennon, uma canção que possa continuar a tocar para todo o sempre, recordando as pessoas sem parar.

Mas não o consigo fazer sozinha.

— Vais ajudar-me, pai?

— Neste momento, não posso.

Já voltou a colocar os auscultadores e os olhos estão apontados ao computador. Parece estar a misturar uma canção, o que significa que está a afinar cada instrumento até ao nível perfeito.

Estou a virar as páginas do meu diário, a olhar para todas as canções que escrevi nos últimos meses, e a perguntar-me se haverá alguma que eu possa usar. O meu diário é como uma segunda cópia de todas as minhas memórias, tal como o meu pai gosta de fazer *backups* de todas as músicas que grava. Fazemos isto para que, caso aconteça alguma coisa má, não percamos as coisas que são importantes para nós, como aconteceu com a avó Joan quando ficou doente.

Ela também era música. Uma das últimas canções que a ouvi cantar foi uma canção do Elvis (*Don't Be Cruel to a Heart That's True*) e eu estava desejava de que ela prestasse mais atenção à letra. Quando se esqueceu de mim, senti-me como se ela tivesse pegado na ponta de um lápis gigante e me tivesse apagado ali mesmo. Deve ser a melhor sensação do mundo sermos capazes de não nos preocuparmos com aquilo que significamos para as pessoas. A partir do momento em que ganhar o Concurso para o Próximo Grande Compositor, conhecerei finalmente essa sensação.

Volto a tocar no meu pai.

— E se gravássemos dez canções e escolhêssemos a que ficar melhor? Porque, por vezes, uma canção soa bem quando as escrevemos, mas depois soa completamente diferente depois de a gravarmos. O que achas? Talvez pudéssemos gravar uma canção por dia e depois, passados dez dias, ainda teríamos tempo para tornar uma delas absolutamente perfeita. Além disso, precisamos de arranjar uma cantora espantosa, como por exemplo a Cristina. Achas que ela aceitaria?

Já acabei de falar, mas talvez o meu pai não saiba porque não está a olhar para a minha boca, está a olhar para o colo e a demorar muito tempo a responder.

— Não vou estar cá amanhã.

— Não faz mal. Podemos começar no dia a seguir.

— Joan.

Adoro ouvir o meu nome, mas por vezes significa problemas.

— Sim?

— Pousa a guitarra, por favor.

Agora estou mesmo nervosa. Eu e o meu pai gostamos sempre de tocar os nossos instrumentos enquanto conversamos, embora irrite as outras pessoas quando o fazemos.

Ele inclina-se na minha direção, com os cotovelos pousados nos joelhos, e olha para a tapete e puxa o cabelo.

— Já te queria ter dito. — Ele ergue a cabeça e os olhos estão marejados e o cabelo espetado no ar como um porco-espinho que tivesse perdido os seus espinhos de todos os lados menos um. — Eu disse-te que estava a ajudar o teu avô hoje. Bem, a partir de agora vou ajudá-lo todos os dias. Vou trabalhar com ele a tempo inteiro.

— Então e o teu trabalho aqui, no teu estúdio?
Ele inspira fundo, o que são sempre más notícias, e diz:
— Vamos fechar o estúdio.

Sexta-feira, 1 de abril de 2011: O meu pai deixa-me na escola e entrega-me o meu almoço e diz: «Ficámos sem húmus, por isso fiz-te uma sandes de mostarda», e o meu rosto aquece, mas depois o meu pai diz: «Dia das Mentiras».

Mas não estamos em abril. Estamos em julho.

— Não compreendo.

— Adoro ser músico — diz o meu pai. — Sabes disso. Desde que tinha a tua idade, foi o que sempre quis ser. Mas conseguir gerir um negócio é outra coisa. Este novo trabalho irá permitir-nos fazer muito mais. Podemos arranjar a casa lá em cima e podes inscrever-te em mais aulas, e, sem que te apercebas, vai chegar a hora de ires para a faculdade. A tua mãe não terá de trabalhar tanto durante o verão; poderá relaxar. E sabes que mais: ela já está a planear umas férias em família. Quando foi a última vez que entrámos juntos num avião?

O meu pai anda de avião todos os anos quando vai ao festival South by Southwest, no Texas, e no verão passado a minha mãe levou-me a ver um médico no Arizona, mas o meu pai não pôde acompanhar-nos porque estava a terminar um projeto importante, e ainda o mês passado a minha mãe e o meu pai voaram sozinhos para Los Angeles, para o funeral do Sydney. Mas nós os três nunca estivemos juntos num avião, nem uma vez.

Era suposto fazermos férias o ano passado, mas isso não aconteceu por alguma razão. Eu não fiquei zangada como a minha mãe. Os aviões parecem fixes, mas são, na verdade, bastante aborrecidos quando entramos neles. Não são nada como um estúdio de gravação.

— Então e a minha canção? — pergunto. — Disseste que ma gravavas.

— Claro. O plano é arrendar o espaço, mas isso não vai acontecer até setembro, pelo menos. Não começarei a retirar as coisas até agosto. Ainda tenho alguns projetos em que estou a trabalhar. Vou terminá-los à noite e aos fins de semana. Depois disso, serei todo teu.

Aquele estúdio era um apartamento vazio, antes de o meu pai ter levado para ali o seu equipamento e antes de ter montado o seu telefone vermelho, o que ele atende dizendo: «Ligou para Monkey Finger Prodctions. Fala o Ollie.» Olho à minha volta, para as coisas espantosas do meu pai e pergunto-me para onde irá tudo aquilo e também me pergunto para onde irei *eu* quando quiser escrever as minhas canções ou passar tempo com o meu pai enquanto ele está a trabalhar.

— Então — diz ele, tentando impedir as minhas lágrimas antes mesmo de começarem. — Lembras-te de como te sentiste quando deixaste Concordia e passaste para a PS Eight? Achaste que ias odiá-la, mas agora adora-la? A princípio será difícil, mas é melhor assim. Acho mesmo que será. Acho mesmo.

Ele puxa-me para si. Gosto sempre de abraçar o meu pai, mas esta noite ele está a esmagar os meus ossos e isso gera no meu peito uma sensação assustadora.

— Ollie!

É a minha mãe a gritar pelo altifalante na parede. O meu pai larga-me e mostra um sorriso. Mas não é verdadeiro, consigo percebê-lo.

— Ollie! Vem depressa!

Foi então que percebi que a minha mãe não o estava a chamar apenas por não conseguir perceber como funciona a box da televisão.

O meu pai e eu subimos a correr as escadas até ao nosso apartamento, e a minha mãe está na sala de estar, de pé, em frente à televisão, os braços cruzados por cima da camisa de dormir. Mexe no comando e o som fica mais alto. Parecem ser as notícias, e eu odeio as notícias porque há sempre uma história triste acerca de pessoas que têm acidentes de carro ou apanham doenças ou partem a coluna quando estão a esquiar, e no dia seguinte há uma nova história qualquer, e nunca mais sabemos o que aconteceu às primeiras pessoas. Sou a única pessoa que se pergunta o que aconteceu àqueles gémeos que estavam colados quando nasceram e foram separados. Estarão bem? E aquele tipo rico que inventou a sua própria nave espacial? Chegou mesmo a ir ao espaço?

Normalmente, tento sair da sala quando estão a dar as notícias, mas uma destas noites estava muito interessada porque estavam a falar de um homem que invadiu o SeaWorld de Orlando e roubou uma morsa.

Ele deixou a morsa nadar no oceano e depois tentou regressar para ir buscar mais animais, mas a polícia prendeu-o. Claro que a senhora que apresentava as notícias não voltou a referir a morsa depois daquela primeira noite, mas encontrei um *site* onde podemos saber que a morsa continua vivinha e a nadar porque o SeaWorld lhe colocou um sensor na gordura.

Agora a senhora dizia:

— Gavin Winters desempenha o papel de agente Beau Kendricks no drama policial *The Long Arm*, cuja segunda temporada estreia, por coincidência, esta noite.

O meu pai olha para a minha mãe e a minha mãe olha para o meu pai, e eu olho para o ecrã de televisão.

Nunca conheci o Gavin Winters, mas já ouvi falar dele. Conheço-o como o amigo dos meus pais, da faculdade, e também como um antigo companheiro de banda do meu pai, e também como um ator da televisão, e também como o namorado do Sydney, que costumava vir a nossa casa. Mas a maneira como o estou a ver agora não corresponde a nenhuma dessas coisas. Esta noite, na televisão, ele parece um homem de roupa interior que se ergue muito quieto à frente de uma fogueira gigante.

4

UM PÁSSARO CANTA UMA melodia cadenciada, serena e eterna. De olhos fechados, meio adormecido, sou enganado por breves instantes quanto a onde estou. Talvez tudo esteja bem. Talvez tudo não tenha passado de um sonho.

Acordo, oficialmente, e apercebo-me de que estou de rosto para baixo, num colchão despido, no meu quarto pilhado, o sol a entrar numa explosão de luz. Acordar é difícil na maioria dos dias. Hoje é especialmente cruel.

Aguardo um momento para me reajustar. O pássaro, do lado de fora da minha janela, continua a cantar. O Sydney continua morto. Eu continuo morto. A nossa casa está num caos e a culpa também é minha; os bombeiros conseguiram extinguir o fogo, mas não tinham qualquer controlo sobre a minha sede de *cocktails*.

Há mais más notícias na sala de estar. O quarto está um caos e o mesmo se passa fora da minha janela. Estão três carrinhas estacionadas no final da estrada de acesso a minha casa. No passeio, meia dúzia de pessoas viram para mim as suas lentes compridas. Se as cortinas estivessem fechadas, não conseguiriam ver tão bem para o interior de minha casa. Infelizmente, as cortinas não podem ser fechadas. Queimei-as.

Agarro nalgumas toalhas para as atirar por cima do vidro e sento-me no sofá, o único local que resta para me sentar, na divisão, sem contar com o chão. A mudança no *décor* é drástica, para não dizer mais.

Mas parece, de alguma maneira, adequado; o Syd sempre quis que diminuíssemos a nossa tralha.

A certa altura, o meu telefone toca. Não sei quanto tempo aqui estive sentado, a pensar na confusão; há tempo suficiente para me sobressaltar com a súbita interrupção no som.

É uma amiga que me liga e não tenho a certeza se devo atender. Afasto a toalha para o lado e dou mais uma espreitadela à operação de vigilância dos meios de comunicação social montada em redor dos limites da minha propriedade. Sentindo-me em desvantagem numérica, atendo o telefone:

— Paige.

— Estás vivo — diz ela.

— Infelizmente.

Ficamos os dois em silêncio. Talvez a minha piada tenha sido demasiado macabra. O meu sentido do que é engraçado desapareceu por completo.

— Escuta — diz Paige —, sabes que eu adoro ver-te na televisão, mas prefiro que não seja no jornal da noite.

Ela diz-me que o meu vizinho captou a minha fogueira improvisada a partir da sua janela. Ao que parece, estava mais determinado em conseguir as imagens do que em salvar-me do perigo. Gostaria de dizer que este comportamento é uma coisa restrita a L.A., mas o bichinho do cinema é agora uma pandemia.

Até podem existir imagens, mas a noite passada continua a parecer irreal. Passou-se o mesmo com a noite anterior e a noite antes dessa. Os dias desde que perdi o Syd têm sido um ajustamento menor. Sempre passei longos períodos sem trabalho ou audições, alturas em que andava de pijama até ao final da tarde. Mas à noite e ao fim de semana, eu e o Syd estávamos juntos. Agora, esses são os momentos da semana que mais temo.

— Estás bem? — pergunta ela.

É a pergunta mais popular que me fizeram ao longo das últimas semanas.

— Sim, estou bem.

— Tens a certeza? Então e a casa?

— Cheira a cinzeiro, mas ainda está de pé.

Aparentemente, as bolas de pingue-pongue são altamente inflamáveis. Quem diria? Só o telhado do alpendre foi afetado. Os bombeiros chegaram antes de o fogo ter uma oportunidade de se espalhar até ao interior.

— O que aconteceu? — pergunta a Paige.

— Não sei.

— Parecia que estavas a queimar peças de mobiliário.

— Só alguns objetos.

— Gavin...

Ela não diz mais. O que poderia dizer? O que poderia eu dizer? Qualquer aparência de celebração ou alívio que eu possa ter sentido na noite anterior foi apagado muito antes das chamas. Quando ouvi as sirenes, já tinha recuperado uma clareza mental suficiente para procurar freneticamente o extintor que presumi que tínhamos, mas não me lembrava de ter visto. Já me ia perguntando uma e outra vez: *O que fui eu fazer? Que merda fui eu fazer?*

Independentemente do que tenha feito, não alcancei nada. Arrastei tudo para o exterior mas, ainda assim, não fui capaz de esvaziar o espaço. O meu amor fantasma mantém-se vivo.

— Onde estás neste momento? — pergunta a Paige.

— Em casa.

— Acho que não devias ficar aí.

— Para onde iria?

— Não podes ficar em casa de alguém durante uns tempos?

Não tenho para onde fugir. Apercebo-me, agora, que este meu amor fantasma não é uma entidade separada. Afinal sempre se parece mais com um membro. Faz parte de mim.

— Podias vir para aqui — diz a Paige.

— Para Nova Jérсия?

— Sim, para Nova Jérсия. Qual é o problema? Quando foi a última vez que nos fizeste uma visita?

Nasci lá, fui criado lá, passei dois terços da minha vida lá. Mas desde que parti, só regresssei uma vez e isso já foi há muitos anos.

— Talvez precises apenas de sair de L.A. durante algum tempo. Já acabaste as filmagens, certo? Devias fazer uma viagem.

— Talvez vá escalar o Evereste.

— Estou a falar a sério. Temos um apartamento completamente independente no piso de baixo. Podes ir e vir quando quiseres.

— Obrigado, Paige. Agradeço-te.

— Não me despaches.

— Não o estou a fazer.

— Temos saudades tuas, tanto eu quanto o Ollie. Devíamos ter falado contigo mais cedo.

Ela e o marido tinham apanhado um avião para assistir ao funeral, o mês passado. Antes disso, há anos que não via os meus velhos amigos dos tempos da faculdade.

— Não te preocupes com isso — digo-lhe. — E obrigado por teres telefonado.

Ouçõ vezes através da janela. Já me tinha esquecido que eles estavam lá fora, os *paparazzi* ou quem quer que sejam. Alguns estão vestidos com roupas simples, outros parecem prontos para aparecer em frente às câmaras. Todos eles confirmam o facto de o fogo ser real e não uma fantasia da minha imaginação.

— Vais pensar nisso? — pergunta a Paige.

— Sim.

— Prometes?

Não tenho a certeza de continuar a acreditar em promessas, mas prometo ainda assim e despedimo-nos.

Quase não atendi o telefonema da Paige, mas fico feliz por o ter feito. É tão fácil esquecer que nem toda a gente que vejo e ouço é um fantasma. Embora, por vezes, pareça que estou a passar por uma alucinação prolongada, isto é a vida real e ainda existem pessoas reais com as quais tenho laços verdadeiros.

A Paige e o Ollie foram quem me apresentou o Syd. A Paige era amiga de infância do Sydney. Eu era colega de quarto do Ollie, na faculdade. É algo que raramente funciona, o amigo da mulher a namorar com o amigo do marido. Mas daquela vez fazia sentido. Eu e o Syd conhecemo-nos aqui, na Califórnia, como deslocados de Nova Jérсия. Olhávamos um para o outro como algo novo, mas ao mesmo tempo familiar.

Mas já chega de falar sobre isso.

É tempo de ver o pátio das traseiras e avaliar os estragos. Estou prestes a sair de casa, descalço, quando me apercebo de que é demasiado traiçoeiro. Depois de ter calçado as botas, passo por cima do telhado caído do alpendre e saio para o pátio. Um anel de carvão cinzento-escuro rodeia o perímetro do braseiro. No geral, contudo, são boas notícias: três quartos do que trouxe para o exterior nunca chegou ao fogo. A maior parte dos objetos permanecem intactos, dispostos sobre a relva e o pátio como artigos para venda numa feira da ladra.

É uma coisa surreal, saudar a minha vida interior no exterior. Ainda mais estranho é ver tudo aquilo sob um sol brilhante. Agora, sob a luz do dia, é-me impossível ignorar os meus laços com estes objetos.

Sobre a relva, encontro a mochila cilíndrica do Syd. Fui buscá-la a noite passada ao fundo do roupeiro do quarto. Quando o Syd faleceu, enfiei um monte dos seus pertences no saco, só para afastar tudo da minha vista e desde então que não o abro. Até agora. Ajoelho-me e abro-o.

A maioria das coisas, com exceção da fotografia emoldurada da mãe dele, que ele mantinha na mesa-de-cabeceira, são artigos de higiene e pequenos artigos pessoais. Há uma escova de dentes elétrica, um tubo de creme hidratante *Kiehl's*, cera para o cabelo, os óculos de leitura de armação de massa preta, a carteira (ainda cheia de dinheiro) e alguns frascos de medicamentos. Há ainda uma camisola de gorro da marinha, com os cordões brancos roídos e endurecidos. Mas é o artigo que deslizou para o fundo da mochila que mais chama a minha atenção. A máquina de barbear elétrica.

Abri o suave estojo de viagem preto e segurei a máquina nas mãos, agarrando o metal frio. A máquina liga-se, as suas vibrações a subir pelo meu braço. Deslizo-a e uma chuva de detritos cai nos meus dedos. Minúsculos pelos pretos.

Deslizo o dedo pela lâmina serrilhada. Um resíduo escuro agarra-se à minha pele. Como cinzas, algo anteriormente humano, anteriormente vivo. Fecho os olhos e tento imaginar o queixo, as bochechas, o rosto, essa parte exata dele. Não o devia estar a fazer. É parvo e masoquista e indulgente. Mas o que torna o ato verdadeiramente lamentável é o facto de não conseguir ver o seu rosto, não por inteiro, não com a clareza

esperada. A minha imaginação, não a minha memória, está a fazer a maior parte do trabalho.

Mas eu queria esquecer, não queria? A noite passada, sim, queria esquecer. Hoje, não tenho a certeza. As minhas recordações do Sydney são finitas. Ele e eu jamais construiremos outras novas. Queimar tudo o que resta numa explosão de autocomiseração ou desespero ou frustração parece agora um erro terrível.

Não tenho a certeza do que fazer a seguir. Há tanto para limpar. Parece insuperável.

Começo por uma tarefa simples: volto a guardar a máquina de barbear no seu estojo, o estojo na mochila, fecho a mochila. Limpo a mão à relva e depois aos calções. O ténue negrume mantém-se. Um pouco de saliva e uma esfregadela vigorosa também não o removem. A mancha fica. Já me sinto exausto.

Em vez de me levantar, deixo-me ficar na relva demasiado comprida, fitando as traseiras da casa. Imagino-me a regressar ao seu interior, a ter de existir dentro daquelas paredes, ali encurralado com o meu amor fantasma. Pior ainda, com todos aqueles olhos a espreitar, com toda a atenção indesejada que gerei.

A Paige tem razão. Não posso continuar aqui.

«UM DOS LIVROS A LER ESTE ANO.»

«COMOVENTE E EMOCIONANTE.»

«MARAVILHOSO E CATIVANTE.»

Quando Gavin decide pegar fogo a todos os objetos que lhe lembravam a morte do seu companheiro, Syd, não imaginava que uma câmara estivesse a filmar. Quando Joan Lennon viu na televisão que um ator famoso de Hollywood estava a fazer uma grande fogueira no quintal, não imaginava que se tratasse de um velho amigo do pai.

No entanto, ambas estas coisas eram verdade.

Joan tem «memória fotográfica». Recorda-se de praticamente toda a sua vida. É por isso que tem tanto medo de ser esquecida. E é também por isso que está a escrever uma canção. Tal como o seu ídolo, e inspiração para o seu nome, John Lennon, ela quer imortalizar-se através da música.

Gavin, por seu lado, precisa de esquecer. No entanto, escondido em casa dos pais de Joan, encontra a maior das tentações. Joan conhecia Syd, e lembra-se, ao pormenor, de todos os momentos em que esteve com ele.

Poderão estes dois ajudar-se? Ou estarão apenas a caminhar para a desilusão?

«REPLETO DE ENCANTO E HUMOR.»

«UMA HISTÓRIA SUBLIME E INVULGAR.»

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8869-87-6



9 789898 869876

Literatura Traduzida